

CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS E SEU IMPACTO NA FORMAÇÃO DO ESTUDANTE DE GRADUAÇÃO NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

Ana Carolina de Souza Doria

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
caroldoria12@gmail.com

Leila Pio Mororó

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
lpmororo@yahoo.com.br

Resumo: Lançado pelo Governo Federal no ano de 2011, com a finalidade de consolidar, expandir e internacionalizar a ciência, tecnologia, inovação e competitividade brasileira, o Programa Ciência sem Fronteiras, entre outras ações, concedeu bolsas de graduação sanduíche no exterior para estudantes de Instituições do país. O presente artigo traz algumas considerações sobre o impacto do referido programa na formação do estudante de graduação, tendo como campo de estudo a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, e utilizando a abordagem qualitativa como orientação metodológica para o desenvolvimento da pesquisa. Ao aplicar questionário à quatro dos egressos do Programa e realizar entrevista com um deles e com a coordenação institucional do mesmo, verificou-se que o impacto evidencia-se no desenvolvimento pessoal do egresso no que concerne: ao seu amadurecimento acadêmico, à aquisição da fluência em um segundo idioma e à aplicação de conhecimentos na prática vivenciada no intercâmbio, além do contato com outras culturas. Não foram identificadas até o momento mudanças para a Instituição em si ou para o país na direção apontada pelo objetivo principal do Programa. A pesquisa encontra-se inacabada e pretende buscar um maior aprofundamento da bibliografia, além de alcançar o maior número possível de adesão dos ex-bolsistas em responder ao questionário e a entrevista.

Palavras chave: Ciência sem Fronteiras; Cooperação internacional; Políticas públicas de educação

Introdução

O Programa Ciência sem Fronteiras (CsF), fruto de políticas que visam a inserção do país no ambiente mundial competitivo por meio do incremento do seu potencial científico e tecnológico, foi lançado em 2011 pela presidente Dilma Rousseff através do Decreto nº 7.642/2011, com a finalidade de consolidar, expandir e internacionalizar a ciência, tecnologia, inovação e competitividade brasileira, por meio do intercâmbio de alunos de graduação e pós-graduação; da atração de pesquisadores estrangeiros que tivessem a intenção de se fixar no Brasil

ou firmar parcerias com pesquisadores brasileiros; e da abertura de possibilidade de treinamento especializado no exterior para pesquisadores e empresas (BRASIL, 2015).

A iniciativa do Programa foi resultado do esforço mútuo dos Ministérios da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e do Ministério da Educação (MEC), por intermédio de suas instituições de fomento, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Coordenação de aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), respectivamente, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC.

O programa teve como foco a área de Ciências Exatas e Tecnológicas, sobretudo as Engenharias, e conforme informado no site¹ do Programa, O CsF previu, inicialmente, a concessão de 101 mil bolsas em quatro anos (2011-2015), incluindo bolsas no exterior e no país, em diversas modalidades, como graduação, doutorado-sanduíche, doutorado pleno, mestrado profissional, desenvolvimento tecnológico, pesquisador visitante, entre outras. Para a modalidade Graduação Sanduíche no exterior, foi estabelecida como meta a concessão de 64.000 bolsas (BRASIL, 2015).

Ao examinar o Painel de Controle do CsF constante no mesmo site, verificamos que foram efetivamente implementadas o total de 92.880 bolsas, considerando todas as modalidades, e desse total, 73.353 referem-se à implementação de bolsas de graduação sanduíche. O Painel de controle traz dados importantes acerca da implementação de bolsas, dos quais destacamos o quantitativo de bolsas de graduação sanduíche no Nordeste, que totaliza 14.529, das quais 2.604 foram implementadas para estudantes do Estado da Bahia.

Atualmente, o programa continua mantendo apenas um número em torno de 5.000 (cinco mil) bolsas de pós-graduação, tendo a modalidade de graduação se encerrado com o último edital publicado em 2014, conforme informações contidas no site² do Ministério da Educação - MEC. Ainda de acordo com o referido site, estudos realizados em julho de 2016 pelo MEC demonstraram que a modalidade graduação sanduíche representava custos muito elevados, e os gastos alcançados com a manutenção dos estudantes no exterior chegava a ser equivalente aos aplicados para a merenda escolar de 39 milhões de estudantes da educação básica, o que levou o

1 <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br>. Acesso em 26 de agosto de 2015.

2 <http://portal.mec.gov.br>. Acesso em 28 de junho de 2017.

atual governo a manter o foco apenas na modalidade pós-graduação. O volume de recursos gastos com a referida modalidade de bolsas no âmbito do CsF vem ratificar a importância de se realizarem estudos acerca do impacto do programa, tanto por parte dos entes governamentais envolvidos, quanto de pesquisadores da área.

Como se pode observar, o Ciência sem Fronteiras teve um enfoque diferente das políticas públicas educacionais comumente instituídas, tendo em vista que não se tratou de um programa que objetivou diretamente a inclusão social dos indivíduos abrangidos pelas suas ações, e sim de um programa que vislumbrou a inserção do país no ambiente mundial competitivo, coadunando com as exigências da globalização e orientações de organismos internacionais.

O parágrafo único do Art. 1º do Decreto que Instituiu o Programa Ciência sem Fronteiras, estabelece que as suas ações complementam as atividades de cooperação internacional e concessão de bolsas no exterior.

De acordo com Rosa (2009, p.04), na perspectiva do que tem sido executado no Brasil, têm-se um conceito amplo de cooperação acadêmica internacional, tendo em vista que abrange tanto a concessão de bolsas individuais no exterior (para brasileiros) e no país (para estrangeiros), quanto a formalização de trabalhos conjuntos entre pesquisadores, estudantes e docentes, voltados para a pesquisa científica ou para a modernização institucional de universidades e centros de pesquisa.

Assim, o Brasil, situando-se numa posição de busca do seu desenvolvimento, tem retratado a preocupação em estabelecer parcerias com outros países, com vistas ao incremento do seu potencial científico e tecnológico, na formação de políticas públicas através de programas como o CsF, demonstrando relevância em realizar-se estudos na área, principalmente por não haver muitas pesquisas que tragam como objeto programas dessa natureza.

O presente artigo demonstra os primeiros resultados da dissertação de mestrado de nossa autoria, apresentados em exame de qualificação ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, cujo objetivo foi o de analisar o impacto do Programa Ciência sem Fronteiras na formação dos estudantes de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Para tanto, busca identificar as expectativas dos estudantes que participaram do Programa quanto ao desenvolvimento educacional e

profissional adquirido; identificar, através da perspectiva dos estudantes, as contribuições das práticas formativas experienciadas durante o período do intercâmbio; analisar o desempenho acadêmico dos estudantes após o retorno do intercâmbio; identificar os documentos relativos à criação, implementação e desenvolvimento do Programa.

O campo de estudo é a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, e a pesquisa tem como interlocutores os egressos do programa originários da referida Instituição na modalidade bolsista de graduação sanduíche, e a coordenação local do Ciências sem Fronteiras no âmbito da UESB.

Como técnica de coleta de dados, está sendo utilizada a aplicação de questionário semiaberto aos egressos do programa, possibilitando-se conhecer as experiências profissionais e educacionais adquiridas, a identificação das contribuições do programa na formação dos referidos estudantes e as expectativas dos mesmos quanto à aplicação dos conhecimentos e práticas incorporadas durante a experiência no Intercâmbio. Já foram aplicados quatro (04) questionários, e pretende-se que seja aplicado ao maior número possível de ex-bolsistas de graduação sanduíche.

Foi realizada entrevista semi-estruturada com a Coordenação local do programa, e com um (01) dos ex-bolsistas, tendo-se a pretensão de realizar entrevista com pelo menos trinta por cento (30%) dos ex-bolsistas que responderem o questionário. Utilizar-se-á ainda a técnica de análise documental, tanto dos históricos escolares dos egressos do Programa, visando detectar o impacto da experiência do intercâmbio no desempenho acadêmico dos estudantes, e também para fins de identificação dos documentos relativos à criação, implementação e desenvolvimento do Programa.

Contexto Político do Programa Ciência sem Fronteiras

Os estudos que tratam das mudanças ocorridas desde o final do século XX na estrutura social, política e econômica apontam que estas situam-se num contexto de reestruturação do capitalismo sob a égide do receituário neoliberal e do fenômeno da globalização, afetando diretamente a concepção de trabalho, voltando-o para o atendimento dos interesses de mercado.

Thiengo (2013, p.15), argumenta que a reestruturação produtiva desse período, contraposta à rigidez do modelo fordista³, considera a flexibilização da introdução de novas tecnologias e novos modelos de gestão empresarial, implicando na redução de custos e de precarização do trabalho.

Para atender ao novo perfil de trabalhador, a educação, enquanto espaço formativo de profissionais, passa por uma série de reformas, tanto no âmbito mundial, quanto no âmbito nacional, visando, através desse poderoso instrumento de transformação social, qualificar as pessoas para enfrentarem o ambiente mundial competitivo, consonante às exigências do mercado.

Harvey (2014, p. 151) defende que o acesso ao conhecimento sempre teve relevância para se alcançar alguma competitividade, e que essa importância tem sido renovada e ainda mais enfatizada num mundo onde as mudanças das necessidades dos consumidores se tornaram tão rápidas. Assim, possuir o conhecimento mais atual, ser o detentor da mais recente tecnologia, projeta a possibilidade de alcançar vantagens competitivas. Nesse passo, o saber se torna uma mercadoria importante a ser vendida para quem pagar mais, e a produção do conhecimento teve uma considerável expansão nos últimos tempos, ao passo em que cada vez mais assume funções comerciais.

Na perspectiva de educação, enquanto ferramenta para o alcance dos fins mercadológicos, verifica-se nas últimas décadas uma tendência de Organismos Internacionais, a exemplo do Banco Mundial (BM), prescreverem orientações voltadas para políticas públicas, além de facilitarem empréstimos financeiros para a área, destacando-se o ensino superior, tendo em vista que este nível de ensino recebe o condão de ser responsável pelo atendimento das demandas da sociedade atual.

De acordo com Sguissardi (2000, p.05), alguns aspectos da concepção “tradicional” da educação superior para os países em desenvolvimento colocados pelo BM, são encontrados no documento *La Enseñanza Superior - Las lecciones derivadas de la experiencia* (BM, 1994), e no documento *The Financing and Management of Higher Education: A Status Report on Worldwide Reforms* (BM, 1998). Esses documentos destacam, acima de tudo, a relevância do ensino superior

³ Harvey (2014) determina que o fordismo representou um novo tipo de sociedade democrática, racionalizada, modernista e populista, em que a produção em massa significava consumo em massa, um novo sistema de reprodução da força de trabalho, uma nova política de controle e gerência, uma nova estética e uma nova psicologia.

para o desenvolvimento econômico e social, e trazem recomendações de políticas nesse nível de conhecimento, de forma a contribuir para o aumento de produtividade do trabalho e crescimento econômico a longo prazo.

Nessa via, a internacionalização, enquanto intercâmbio de serviços educacionais tem levantado debates ativos, e amplia-se o enfoque na mobilidade acadêmica de estudantes, programas educativos e provedores de educação através das fronteiras, com fins comerciais e de obtenção de lucros, a partir do momento em que a Organização Mundial do Comércio – OMC, através da publicação do Acordo Geral sobre o Comércio de Serviços – AGCS, passou a tratar a educação como um dos doze serviços principais, estando o ensino superior entre os cinco subsetores da área. (UNESCO, 2004)

Merece destaque a forma como a OMC concebe a educação a partir da publicação do AGCS, arrolando-a entre as modalidades de serviço, suscetível a regulação em congruência com o mercado (preceitos econômicos e comerciais), em detrimento da concepção de educação enquanto direito humano fundamental.

Em suma, essas orientações vêm nortear as diretrizes para a reforma da educação superior, dando prioridade ao atendimento do mercado e o conhecimento como bem privado.

No Brasil, observa-se uma série de mudanças nas universidades ocorridas notadamente a partir da década de 1980, destacando-se a ideia de que o conhecimento se coloca a serviço da competitividade e da economia, e de que a educação superior deva ser considerada como mercadoria.

Desde então, os governos passam a reconhecer a posição desvantajosa do Brasil em relação aos outros países no quesito Ciência e Tecnologia e defendem que o país deveria preparar-se para a abertura da economia e a sua inserção no processo de globalização.

Nessa via, o Ciência sem Fronteiras, programa que prevê a mobilidade internacional, é lançado logo no primeiro ano de mandato da Presidente Dilma Rouseff (2011), primando a consolidação, expansão e internacionalização da ciência, tecnologia, inovação e competitividade brasileira, tomando como prioritárias para participação do programa as áreas voltadas para esse fim.

Para Thiengo (2013, p.01), alguns programas de políticas públicas recentemente lançados, desvelam um projeto mais amplo para a educação, atuando em duas direções: de um lado a erradicação da pobreza, com a criação de cursos técnicos e profissionalizantes, e do outro, a formação de profissionais de ponta, para o atendimento das exigências do mercado global, dentre os quais se inclui o Ciência sem Fronteiras, refletindo no que a autora chama de produção de consenso sobre a centralidade da importância da educação na sociedade atual, no que concerne à estreita relação entre produção de conhecimento e desenvolvimento econômico capitalista.

Evidencia-se que as políticas públicas para o ensino superior se colocam hoje numa posição destacada, em vistas da relevância desse nível de ensino frente a sua função de produção e difusão do conhecimento e de formação e qualificação da força de trabalho, constituindo-se como uma importante ferramenta para o desenvolvimento dos estado-nação. A questão da internacionalização também tem merecido destaque no que concerne aos esforços envidados pelos estados, com vistas à busca de estreitamento de relações, vislumbrando um fluxo mais harmonioso dos processos mercadológicos, assim como o aprimoramento do seu potencial científico e tecnológico a partir da produção e transmissão/aquisição de conhecimentos.

O Ciência sem Fronteiras na UESB

De caráter multicampi, a UESB possui sede no município de Vitória da Conquista, ficando os outros dois campi situados nos municípios de Jequié e de Itapetinga. No ano de 2017, possui 47 cursos de graduação e 15 cursos de pós-graduação *stricto sensu* (12 mestrados e 03 doutorados) distribuídos entre os três campi. A comunidade acadêmica é composta por 1.095 docentes (1.021 efetivos e 74 substitutos), e uma média de 9.000 alunos matriculados por semestre, números estes que lhe conferem um porte considerável, com relevante participação no desenvolvimento regional do interior do Estado.

Após ter participado de algumas reuniões com os órgãos fomentadores do Ciência sem Fronteiras, nas quais ressaltou-se a importância de incentivar a inovação e a tecnologia, a UESB, iniciou a sua participação no Programa em 16 de abril de 2012, quando assinou o Acordo de

Adesão, e no mesmo ano teve os primeiros estudantes enviados pelo Programa, na modalidade graduação sanduíche, para intercâmbio no exterior.

Como Coordenador Institucional, a UESB indicou a então Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação, ficando a Coordenação de Inovação, subsetor vinculado a esta Pró-Reitoria, responsável por realizar as atividades relativas ao CsF.

Quanto ao número total de bolsas implementadas na referida modalidade, houve uma discrepância entre o informado no site do Programa, que apresentou o número de 41 bolsas, e o constante no controle da Coordenação local do mesmo, que apresentou 39 bolsas implementadas. Tal discrepância é atribuída pela Coordenação de Inovação ao fato de o CsF ser gerido por dois órgãos diferentes, a CAPES e o CNPq, cabendo a estes a seleção de fato, com chamadas abertas por ambos e com a possibilidade do aluno se inscrever diretamente nos referidos sites, o que pode ter dado brecha para que alguns estudantes tenham feito o intercâmbio independentemente dos editais internos para divulgação e pré-triagem. Para essa pesquisa, tem sido considerado o número de 39 estudantes constantes no controle interno da Coordenação local do Programa.

Para a Coordenadora de Inovação, essa foi uma dificuldade encontrada pela Instituição com relação ao CsF, pois com o lançamento de chamadas em duas plataformas distintas, a seleção, gestão e controle por dois órgãos distintos e ainda facultando o estudante a se inscrever por conta própria, tornava o controle interno difícil. Em alguns casos se conseguiu contatar o estudante selecionado, para que o mesmo entregasse os documentos, mas, como sinaliza o próprio site do Programa, permaneceram dois alunos fora do controle interno da Pró-Reitoria.

A UESB teve estudantes enviados para dez países de destino na modalidade ora pesquisada, quais sejam: Austrália, Canadá, Estados Unidos (EUA), Espanha, França, Hungria, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido. Dentre esses países, destaca-se os Estados Unidos (EUA) para o qual foi enviado o maior número de estudantes, totalizando treze (13), o que representa mais de 30% do total de alunos. Em seguida, estão os países Austrália e Canadá, ambos com seis (06) alunos enviados, tendo os outros países entre um (01) e três (03) o número de estudantes enviados.

A área de ciências da saúde, foi a que obteve o maior número de estudantes aprovados no âmbito da UESB, com 18 estudantes enviados para a graduação sanduíche, sendo 06 do curso

de medicina, 06 do curso de fisioterapia, 04 do curso de farmácia, 01 do curso de odontologia e 01 do curso de educação física. Em segundo lugar, a área com o maior número de alunos aprovados no Programa foi a de Ciências Biológicas, com 06 alunos enviados. Na sequência vem a área de Engenharias, com 04 alunos aprovados, sendo 03 do curso de Engenharia Ambiental e 01 do curso de Engenharia de alimentos.

Das demais áreas, com um número menor de alunos, foram enviados 03 alunos do curso de agronomia, 02 do curso de zootecnia, 01 do curso de ciência da computação, 01 do curso de sistemas de informação, 02 do curso de química, sendo 01 deles da licenciatura, o qual destacamos pois as licenciaturas, por natureza, não se enquadrariam, a priori, entre o que o Programa considera como prioridade para fins de concessão das bolsas.

A preferência dos estudantes pelos Estados Unidos, Austrália e Canadá, países estes cuja língua oficial é o inglês (embora o Canadá também tenha o Francês como língua oficial), indica que a língua provavelmente tenha sido um outro fator relevante para que a UESB não tivesse mais alunos participantes do programa enviados para os países com línguas diferentes dessa.

A questão da proficiência em língua estrangeira, aliás, foi um fator de dificuldade encontrado pelos estudantes interessados em participar do Programa. Segundo a Coordenação local, alguns alunos demonstravam que tinham a noção da língua, porém, para outros esse era o aspecto que mais pesava.

Essa dificuldade com a proficiência nos idiomas exigidos nas chamadas não foi observado apenas localmente, haja vista o próprio Governo Federal tenha lançado o programa paralelo nominado Idioma sem Fronteiras, onde os alunos podiam fazer um curso *online* gratuito.

No que se refere à adequação curricular, a Coordenação Institucional informou que, após diversas reuniões com a Pró-Reitoria de Graduação, definiu-se que os estudantes manteriam no seu currículo, durante o intercâmbio, a situação “em mobilidade”, tendo em vista que não haviam parado as suas atividades, por se tratar de graduação sanduíche, e esta foi a forma encontrada de regularizar a situação dos estudantes participantes do Programa, devendo estes, ao retornar, realizar a matrícula para o semestre seguinte, caso já existisse um em curso.

Quanto ao aproveitamento de estudos, a Coordenação local destacou essa questão como um dos pontos polêmicos. O programa, por não se tratar simplesmente de intercâmbio e sim

de graduação sanduíche, acabou por exigir diversas reuniões para tratar do tema juntamente com a Pró-Reitoria de Graduação, inclusive com a participação da mesma em fóruns nacionais que discutiram o assunto, retratando uma dificuldade não apenas da UESB.

As disciplinas cursadas deviam aparecer no currículo do aluno, mas o aproveitamento em si não era possível para a totalidade das disciplinas, tendo em vista que as grades curriculares das Instituições de destino eram diferenciadas da grade da UESB devendo caso a caso ser avaliado pelo departamento competente. Para tanto, foi elaborada uma minuta de resolução, com discussão por diversas vezes adiadas no Conselho Superior da Universidade, pois havia a intenção de unificar essas questões para todos os casos referentes a estudantes enviados para o exterior, e não estritamente aos participantes do Ciência sem Fronteiras.

Fernandéz (2016, p. 54), em sua pesquisa, aponta que o não aproveitamento de créditos pelas Instituições que participaram do Programa CsF não parece adequado, tendo em vista que o Decreto que o institui dispõe que cabe a Instituição de origem realizar o reconhecimento de créditos ou atividades de treinamento no exterior de acordo com o plano previsto.

A autora salienta a importância da otimização dessas questões para o sucesso das ações governamentais de internacionalização da educação brasileira. Ademais, o próprio Acordo de Adesão assinado pelas Instituições de origem reforça esse compromisso ao elencar o reconhecimento entre as suas atribuições.

Cumpram-se ressaltar que o Programa se deu na Instituição de maneira vertical, cabendo a Universidade apenas o papel divulgador e homologador das inscrições, tendo em vista que tudo era definido e controlado pela CAPES e pelo CNPq, inclusive cabendo aos referidos órgãos a função de manter o contato com as Instituições de destino, não restando para a UESB qualquer forma de cooperação internacional, senão a aprovação da participação dos seus estudantes por meio da homologação das candidaturas.

Verificou-se a partir da entrevista com a coordenação local, que inclusive não havia um acompanhamento dos alunos durante o intercâmbio, e foram feitos eventuais contatos com os estudantes, quando estes demandavam algo por e-mail. No retorno também não houve nenhuma avaliação por parte da Coordenação local, justificado pela mesma pela ausência de uma estrutura adequada para atendimento das questões relativas às relações internacionais na Instituição.

Perfil dos Ex-Bolsistas

Com idade entre 24 e 27 anos, e considerando que dois deles concluíram e dois estão ao final do curso, verifica-se que se tratam de jovens que iniciaram a graduação em idade compatível com a de ingresso nesse nível de ensino. Destes, três são do gênero masculino e um do gênero feminino.

Com relação ao perfil social, dois dos respondentes afirmaram ter renda familiar de até 03 salários mínimos, um afirmou ter renda familiar entre 03 e 05 salários mínimos e um afirmou ter de 05 a 10 salários mínimos. Três dos respondentes afirmaram ter concluído o Ensino Médio em escola pública e apenas um afirmou ter concluído em escola particular. Há dessa forma a predominância de alunos de origem de classe social de baixa a média renda, aparentemente negando a suspeita de que se tratara de um Programa a serviço das classes mais altas, a começar pela peneira da proficiência em língua estrangeira, pressupondo-se que estudantes advindos das classes mais baixas não possuem condições financeiras para o custeio de cursos de idiomas.

Quanto à forma de ingresso dos mesmos no Ensino Superior, essa se deu por meio de vestibular em todos os casos, sendo que apenas um deles ingressara por meio de ação afirmativa, materializada pela cota social.

Os ex-bolsistas e o Programa CsF

Todos os respondentes cursam/cursaram Ciências Biológicas na UESB, e quanto às Instituições de destino, dois dos egressos realizaram a graduação sanduíche na Irlanda, em Instituições distintas: um na *Sligo Institute of Technology* e outro na *Limerick Institute of Technology*. Quanto aos outros dois, um realizou o curso na *University of Glasgow*, no Reino Unido, e o outro na *Flinders University*, na Austrália.

Verifica-se que não houve uma uniformização para a o direcionamento dos estudantes de acordo com suas áreas do conhecimento. Isto é, no que tange ao país de destino ou da Instituição para cursar o intercâmbio, parecer não ter havido uma preocupação de alocar o

estudante nos centros tecnologicamente mais avançados de suas áreas de estudo. E isso pode ser percebido entre os quatro ex-bolsistas que responderam o questionário, pois, mesmo pertencendo à mesma área/course foram alocados em quatro instituições e três países diferentes. Esse fato faz perceber que não houve um planejamento por parte dos órgãos responsáveis pela seleção, de forma a absorver tecnologias específicas das áreas dos mesmos, ao direcioná-los para os respectivos centros mais avançados em termos científicos e tecnológicos.

Quando questionados sobre o desempenho após retorno, verificou-se que o domínio do idioma aprendido durante o intercâmbio teve destaque na percepção dos egressos, pois três deles declararam que esse era um fator da melhora no desempenho acadêmico. Inclusive, um deles apresentará o trabalho de conclusão do curso em inglês.

Outro fator que merece destaque é o desenvolvimento de atividades em laboratórios modernos, com equipamentos de tecnologias mais avançadas, permitindo com que os estudantes pudessem adquirir conhecimentos de maneira aplicada, fator esse relatado por dois dos respondentes como responsável pela melhoria no desempenho acadêmico dos mesmos.

Verificou-se também que os egressos se consideram mais maduros academicamente, com mais facilidade em realizar trabalhos científicos, além de perceberem que a experiência possibilitou com que as oportunidades de crescimento acadêmico se tornassem mais fáceis com o incremento do currículo.

O impacto do Programa CsF

Ao avaliar a experiência proporcionada pelo Programa, foram identificados diversos pontos positivos pelos ex-bolsistas que impactaram na sua formação, tais como: o desenvolvimento de uma maturidade acadêmica; trocas de informações com os professores; o desenvolvimento da fluência em um outro idioma; a possibilidade de conhecer culturas diferentes; a possibilidade de vivenciar um estilo de vida diferente; a formação de redes de contatos com professores e estudantes de uma instituição fora do país; o contato com novos métodos de ensino; novas amizades; contato com profissionais da sua área de outro país.

Destaca-se também a possibilidade da experiência ter proporcionado que alguns estudantes conhecessem com mais profundidade alguma área pela qual desenvolveram afinidade. Essa situação ocorreu em dois dos casos, e sobre isso a ex-bolsista entrevistada afirma:

Eu saí daqui... eu era da área de Botânica, trabalhava com plantas, aí eu cheguei lá e tive a oportunidade de fazer um estágio em Genética Mitocondrial, e depois desse estágio, realmente, minha cabeça mudou, eu comecei a me interessar pela área da Genética, e hoje eu quero seguir a frente pela área da Genética. Então, talvez, se eu tivesse continuado minha graduação aqui, sem essa experiência lá fora, eu estaria numa área que eu não estaria tão feliz. (ENTREVISTADO 1)

Como ponto negativo, se evidencia a impossibilidade de aproveitamento das disciplinas cursadas, sendo essa questão apontada por três dos quatro ex-bolsistas como fator negativo. Também foram elencados como pontos negativos: a distância da família por um período longo; o contato com os órgãos responsáveis pelo CsF dificultado e moroso; atraso no pagamento das bolsas, comprometendo o orçamento.

Todos os respondentes afirmam que há a possibilidade de aplicação dos conhecimentos adquiridos, e foram dadas como possibilidades de aplicação: o aproveitamento da aquisição de fluência em língua estrangeira tanto para ministrar aulas do idioma, quanto para fins de pesquisa, como a leitura e escrita de artigos acadêmicos na língua; a aplicação do conhecimento adquirido para as áreas de biologia, saúde e na indústria.

Sob a perspectiva da Coordenação local do Programa, houve impacto não só no que concerne ao conhecimento adquirido pelos estudantes, mas também o contato com professores de Instituições internacionais, abrindo portas para uma pós-graduação no exterior. A mesma ressalta ainda a oportunidade que foi dada a estudantes de classe social de baixa renda de participar de uma experiência como essa no exterior, o que provavelmente não ocorreria se não fosse a iniciativa do Programa.

Sobre o impacto do Programa na UESB, a Coordenação local argumenta que financeiramente foi positivo para a Instituição, que não precisou arcar com nenhum recurso para a ida dos seus estudantes para o intercâmbio, tendo em vista que até as passagens eram custeadas pela CAPES e pelo CNPq. Outro fator destacado pela coordenação local foi a influência que os

alunos egressos do Programa podem exercer sobre os outros estudantes na sala de aula. Ademais, a referida servidora atribui ao Programa uma maior aproximação da UESB com outros países e com outras Instituições, abrindo portas para a adequação da Instituição à globalização.

De um modo geral, o Programa pode ser avaliado positivamente a partir dos dados obtidos, no que concerne ao amadurecimento dos estudantes em termos acadêmicos, na aquisição da fluência em uma segunda língua, na abertura de oportunidades acadêmicas, e a aplicação dos conhecimentos na prática vivenciada no intercâmbio, além do contato com outras culturas, fatores esses que permitiram um desenvolvimento pessoal dos egressos do Programa. Todavia, não foi identificada uma efetiva contribuição tanto para a Instituição de origem, ressaltando-se o fato de ter estudantes a ela vinculados levando o seu nome a instituições de outros países, quanto para a consolidação, expansão e internacionalização da ciência, tecnologia, inovação e competitividade brasileira, a que se propõe o Ciência sem Fronteiras.

Considerações finais

O estudo realizado até então realizado, demonstra que o Programa Ciência sem Fronteiras, no que tange ao nível de graduação ora analisado, proporcionou de fato impacto na formação dos estudantes que participaram do mesmo, ao verificar principalmente o amadurecimento destes em termos acadêmicos, despertando o interesse para a pesquisa científica. Outra contribuição não menos relevante fora a fluência em uma língua estrangeira, que embora seja resultado esperado em modalidade comum de intercâmbio estudantil, contribuiu para o desenvolvimento dos mesmos enquanto pesquisadores, ao permitir a leitura e escrita em outro idioma, ampliando as suas perspectivas.

A possibilidade de aprender de forma aplicada também foi destacada como fator importante para o impacto da formação dos mesmos, pois o contato com os laboratórios e equipamentos de outras instituições permitiu com que os mesmos pudessem se sentir mais próximos de como fazer uso, na prática, dos conhecimentos adquiridos durante o curso. Essa informação também pode indicar certa deficiência tecnológica da Instituição de origem em termos de estrutura de laboratórios para o desenvolvimento da atividade de ensino.

Ademais, o Ciência sem Fronteiras traz outras contribuições para o desenvolvimento dos seus participantes como pessoa, como a incorporação de novas culturas e novas formas de ver o mundo. Por outro lado, quanto ao seu principal objetivo, que é a inserção do país no ambiente mundial competitivo através da ampliação e consolidação da ciência, tecnologia e inovação, o Programa talvez não tenha dado conta do seu cumprimento, tendo em vista que os estudantes respondentes desta pesquisa não tenham percebido o enfoque do intercâmbio nesses termos, enfatizando outros tipos de contribuições.

Quanto ao cumprimento do seu papel enquanto ferramenta para a cooperação internacional, quando retomado o conceito abordado por Rosa (2009, p.04), que aborda além da concessão de bolsas a formalização de trabalhos conjuntos entre pesquisadores, estudantes e docentes, voltados para a pesquisa científica ou para a modernização institucional de universidades e centros de pesquisa, verifica-se que o Programa pode ter deixado a desejar. Isto porque, no que se refere à transferência e utilização de conhecimentos para a criação de novos conhecimentos, não foi identificado até o momento atual da pesquisa nenhum esforço em que se pese a troca interinstitucional ou entre pesquisadores da Uesb. Desta forma, poderia se dizer que a noção de cooperação internacional não foi plenamente desenvolvida na implementação do Programa, resultando na ausência de qualquer característica que o distinga de um intercâmbio comum, a não ser a seleção centrada em estudantes de áreas prioritariamente tecnológicas.

A Pesquisa caminhou até aqui, porém, tem-se a pretensão de que sejam aprofundados os estudos acerca do tema e da metodologia aplicada. Pretende-se ainda alcançar o maior número possível de egressos do Programa vinculado à UESB para que a pesquisa tenha uma base maior para apoiar o seu desenvolvimento e seja capaz de atingir os objetivos de uma pesquisa qualitativa, ao incorporar os significados e a intencionalidade inerentes ao impacto do Programa na formação dos estudantes de graduação, identificando se o mesmo é capaz de realizar as transformações objetivas a que se propõe e as suas contribuições sociais para o país.

Referências

BRASIL. Decreto nº 7642, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciência sem Fronteiras. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 dez. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7642.htm>. Acesso em: 08 set. 2015.

FERNANDÉZ, E. **Política educacional**: percepções dos estudantes da área de engenharia elétrica e dos coordenadores do Programa Ciências sem Fronteiras. 2016. Tese- Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

ROSA, L. **Cooperação acadêmica internacional**. Dissertação. Brasília, 2008.

SGUISSARDI, V. **O banco mundial e a educação superior**: revisando teses e posições? 23ª reunião ANPED, Caxambu-MG, setembro de 2000. Disponível em: <<http://23reuniao.anped.org.br/textos/1111t.pdf>> acesso em 18 de junho de 2017.

THIENGO, L. C. **As tendências internacionais e a universidade brasileira na primeira década dos anos 2000**: ensino superior e produção de consenso. 2013. Dissertação – Universidade Federal de Viçosa.

UNESCO. *Educación superior en una sociedad mundializada*. Paris: UNESCO, 2004.